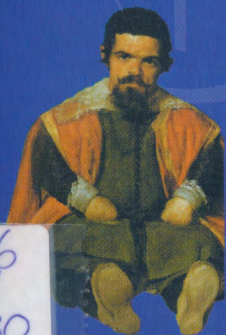


# JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1997  
da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

# NOITE DE ANÕES

seguido de:  
Com a Pistola de Antero e  
Exílios do Coração



16  
/  
80

  
HUGIN

162-30  
39551

JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1987  
da Associação Portuguesa de Escritores e Ministério da Cultura

NOITE  
DE  
ANÕES

edição de  
Casa Portuguesa de Artes  
e Escribas Colecção

Prefácio de  
Luiz Francisco Rebelo

colecção  
**DRAMATURGIA**

sob a orientação de Luiz Francisco Rebelo

16-1-80  
37051

JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1997  
da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

NOITE  
DE  
ANÕES

seguido de  
Com a Pistola de Antero  
e Exílios do Coração

Prefácio de  
Luiz Francisco Rebello

  
**HUGIN**  
1999

Museu Nacional do Teatro  
BIBLIOTECA



Editor: Hugin - Editores, Lda.  
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex  
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12  
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8534-08-6

Depósito Legal: 140740/99

Primeira edição: Setembro de 1999

© 1999, José Jorge Letria

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

## **Exílios do Coração \***

\* Peça incluída no espectáculo "Pátrias do Coração e Exílios", apresentado pelo Teatro do Noroeste, em Viana do Castelo, no Teatro de Sá de Miranda, e no Teatro Nacional de D. Maria II.

**Personagens:** Cavaleiro de Oliveira (com mais de 70 anos), Criado (igualmente idoso), dois Condenados, três Inquisidores, Marquês de Pombal (por volta dos 60 anos), secretário do Marquês de Pombal, Mendigo, um manequim feminino em tamanho natural com peruca e vestida à maneira das damas nobres do século XVIII.

A acção da peça decorre nos derradeiros tempos de vida de Francisco Xavier de Oliveira, conhecido por Cavaleiro de Oliveira, tendo como espaço polivalente os seus modestos aposentos no exílio, de onde não sai e onde aguarda a chegada do fim.

No local onde decorre a acção deverão ser criados espaços que sugiram o auto-de-fé em Lisboa e o gabinete do Marquês de Pombal, bem como a sala onde se reúnem os inquisidores. Todos estes espaços, através de um adequado dispositivo cénico, são complementares daquele que funciona como quarto do Cavaleiro de Oliveira, de molde a sugerir o carácter onírico e não realista do processo dramático que as personagens representam.

O Cavaleiro de Oliveira, já idoso, dorme numa velha cama de dossel. Através de um efeito cénico, deve ser sugerida a proximidade de uma fogueira inquisitorial em que arde um boneco com forma humana, representando um herético queimado em efígie. Enquanto as chamas crescem, aumenta o sobressalto do homem que dorme. Geme, mexe-se e remexe-se na cama, grita, pronuncia palavras sem nexos. Está exausto.

Um criado, também idoso e envergando roupas no fio, entra no quarto e, apercebendo-se do estado de alvoroço e de agitação em que o amo se encontra, evita acordá-lo. Vem à boca de cena e monologa.

# teatro

## CRIADO

– Todas as noites é este sofrimento, esta aflição, e eu que não lhe posso acudir, que não sei como lhe hei-de valer. Se ao menos as damas galantes ainda se deixassem seduzir por ele, se ao menos...

*(O monólogo é interrompido por uma fala sonâmbula e pouco clara do Cavaleiro de Oliveira, que se ergue do leito e avança para um velho toucador para colocar a peruca e se empoar).*

## CAVALEIRO DE OLIVEIRA

– Eu estou vivo, bem vivo! Não há labaredas que me queimem o corpo e menos ainda a alma. O que mais me dói, senhores, é esta pena de exílio que levarei comigo até onde as forças me levarem.

*CRIADO (interpelando-o com suavidade e extremo cuidado):*

– Senhor, estais abalado, enfermo. Não é avisado sairdes assim do leito.

*CAVALEIRO DE OLIVEIRA (mantendo o mesmo tom e ignorando a presença do criado)*

– Podem queimar-me em Lisboa, fazer espectáculo nas praças com a minha imagem empalhada a ser devorada

pelas chamas, mas eu estou vivo aqui, em Londres, em Haia, em Viena, onde quer que se faça ouvir a razão do mundo.

*(Coloca cuidadosamente a peruca, marca sinais na face e vai-se empoando abundantemente).*

CRIADO *(à boca de cena, para o público)*

– Deve ser da febre. Da febre e a falta de alimento. Há dias que pouco ou nada come e só fala de mulheres que amou há muitos, muitos anos e que já faleceram. Ainda ontem o ouvi pronunciar várias vezes o nome de D. Ana Inez, que tanto amou e que tão cedo partiu. Que hei-de eu fazer, Senhores, para lhe devolver o tino e o trazer outra vez à razão?

CAVALEIRO DE OLIVEIRA *(dando-se finalmente conta da presença do criado)*

– Ah, estás aí! Não te tinha visto. Cada vez dás menos sinal da tua presença. Mais pareces uma sombra, a sombra de uma alma penada.

CRIADO

– Credo, Senhor, não sou alma penada e, se estava em silêncio, era para não vos molestar.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

– Eu não queria que me molestasses, mas que me despertasses. Muitos assuntos e encargos me consomem o tempo e, por isso, terei que aproveitar todo o que tenho disponível. A qualquer momento poderei ser chamado a Lisboa. Não o confessam, mas as minhas opiniões contam. Já me procurou hoje Félix Corvina dos Arcos?

CRIADO

– Ainda não, Senhor, não o tenho visto ultimamente.  
Também terá por certo os seus afazeres.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

– E do Marquês, o que se diz?

CRIADO

– Os portugueses com quem me encontro nesta cidade cinzenta e triste pouco ou nada me contam a seu respeito. Por certo, há-de continuar nos seus trabalhos de governação.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

– Como sempre a conspirar contra mim e a manter-me condenado a este exílio que só Deus sabe as razões que existem para ser mantido (*Pausa*). Agora deixa-me que preciso de me pôr a preceito para as visitas que ainda hoje tenho que fazer.

CRIADO (*à boca de cena, para o público*)

– É esta a minha sina, Senhores: manter no espírito do Cavaleiro a ilusão de que tudo permanece igual ao que era dantes, de que os anos não passaram, de que as mulheres continuava amá-lo, de que Portugal precisa da sua palavra e da sua inteligência. Que hei-de eu fazer? É esta a sina de quem serve. Há tantos anos tenho o meu destino ligado ao do Cavaleiro que não será na hora amarga da solidão e da perda do sentido e da razão que o deixarei entregue à sua sorte.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA (*continuando a empoar-se e a ajeitar a peruca e falando para o criado sem o fixar*)

– Não te esqueças, diz-me tudo o que souberes do Marquês e das suas maquinações. Sei que és arguto e que tens o ouvido